A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS DE ADOLESCENTES QUE FAZEM PARTE DO PROGRAMA JOVEM APRENDIZ

Lincol Pedro Drosdek[1]
Martha Caroline Henning Geronasso[2]

Resumo: Espiritualidade diz respeito à fé em si, vivida e experimentada individualmente, independentemente se está ligada ou não a uma religião. Discutir a influência da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais de jovens é um assunto instigante, inovador e enriquecedor. Assim sendo, tal estudo teve como objetivo verificar quais as influências da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais de jovens aprendizes de uma cidade do interior de Santa Catarina. Participaram 14 jovens com idade entre 15 e 19 anos, e o instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, seguindo uma abordagem qualitativa. Os resultados principais apontam que a espiritualidade influencia os relacionamentos interpessoais dos jovens aprendizes e está ligada ao cotidiano destes, como a família, amigos, relações amorosas, experiências de preconceito e a vida em geral, atingindo tanto o aspecto físico, como o psíquico e o relacional.

Palavras-chave: Psicologia. Religião. Adolescência.

INTRODUÇÃO

A espiritualidade é um tema debatido em âmbitos, como na Antropologia, Sociologia e Filosofia, além da Psicologia. Alguns profissionais, autores e pesquisadores têm se debruçado em estudos a respeito deste assunto, investigando como o mesmo influencia a vida da população (MASSIMI; MAHFOUND, 1999; PAIVA, 2001).

Cabe aqui uma breve diferenciação entre espiritualidade e religiosidade. De acordo com Witter (2011), todas as crenças que são praticadas dentro de uma seita ou religião, com

[1] Graduado em Psicologia pela Universidade do Contestado – Câmpus Mafra. E-mail: lincolpd@yahoo.com.br.
[2] Docente do curso Psicologia da Universidade do Contestado – Câmpus Mafra. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: martha@unc.br.

rituais e práticas que são compartilhadas por indivíduos que conservam uma comunhão de ideias, podem ser inseridas dentro do campo da religiosidade. Já a espiritualidade diz respeito à fé em si, vivida e experimentada individualmente, contudo, independentemente se está ligada ou não a uma religião (MOREIRA-ALMEIDA; LOTUFONETO; KOENIG, 2006). Desta forma, percebe-se que a espiritualidade e a religiosidade são conceitos interligados, mas que o âmbito da primeira é mais abrangente, tendo sido esta, portanto, um dos objetos da pesquisa aqui descrita.

Uma vez que a espiritualidade parte da criação do homem, ela pode trazer benefícios ou malefícios para o mesmo, isso dependerá do modo com que ela é empregada. Dalgalarrondo (2006) afirma que a espiritualidade pode ter uma conotação positiva quanto à socialização do homem, à união e apoio em grupos, à busca pelo sentido da vida, conforme citado acima, além dos próprios comportamentos ligados à saúde, alimentação e sexualidade. Sobre este contexto, Campos (2008) explana que os sentimentos de fé e busca por espiritualidade podem surgir inclusive quando a pessoa passa por uma situação de contato com a morte ou sentimento de finitude. Por outro lado, a espiritualidade pode ocasionar malefícios ao ser humano quando esta se volta para um campo em que culpabiliza o homem por seus atos, fazendo com que este viva um sofrimento psíquico (CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006).

Assim, por ser algo que vai além daquilo que o homem pode ver ou tocar, a espiritualidade foi tomada de maneira equívoca pelas ciências que tentaram quantificar os processos de fé, e por consequência não encontraram respostas plausíveis para estas questões. Por conta disso, este assunto ficou durante anos à margem dos estudos nos processos psicológicos (HENNING; MORÉ, 2009).

Entretanto, como a espiritualidade do indivíduo se faz presente nos atendimentos de Psicologia, não há como excluí-la do contexto terapêutico. Esta, quando bem utilizada, serve inclusive de ferramenta para o andamento do processo terapêutico, desde que seja com foco nas crenças do cliente (HENNING; MORÉ, 2009).

Embora existam profissionais de psicologia que consideram o tema da espiritualidade algo de pouca importância na vida das pessoas e que esta deve ser tratada fora da psicoterapia,

num espaço estritamente espiritual (HENNING; MORÉ, 2009), são diversos os autores que apontam que o Psicólogo deve trabalhar com as pessoas sempre enxergando o ser humano neste âmbito também, observando os comportamentos deste em consequência de sua escolha espiritual, mas sempre evitando conceitos pré-definidos a respeito destes pensamentos da pessoa (MOREIRA-ALMEIDA, et al., 2006; CAMBUY, et al., 2006; HENNING; MORÉ, 2009).

Em meio a este contexto, tem-se uma parcela da população que chama atenção justamente pela oscilação que há em sua vida dentro desse meio da espiritualidade: os adolescentes. Quando se fala desta fase da vida, há que se lembrar que ela diz respeito ao momento de transição da identidade infantil para a definição de uma identidade pessoal adulta, onde em linhas gerais o desvincula da família e passa a dar maior importância aos relacionamentos interpessoais com grupos de amigos, buscando novas experiências e o senso do próprio eu separado do sistema familiar (KNOBEL, 2008).

Tal pensamento se associa ao que Rosset (2007) aponta, citando que a adolescência é a fase de definir qual adulto o indivíduo quer ser. Conforme cita Carter e McGoldrick (1995), assim que as famílias avançam no âmbito da adolescência de seus filhos, questões que estão ligadas a respeito de abertura e separação a novos valores e crenças, tendem a chamar mais atenção. Com isso, também no âmbito espiritual, pode existir a busca por novas experiências, chegando a oscilar entre ter um posicionamento ateu, apresentando em outros momentos uma postura religiosa fervorosa, defendendo impetuosamente sua crença (KNOBEL, 2008).

Dentre os adolescentes, há uma parcela específica, que é a dos jovens aprendizes. A população em questão participa do projeto da Rede Nacional de Aprendizagem, Promoção Social e Integração, que propõe, além dos trabalhos específicos no comércio e indústria, aprendizagens relacionadas à qualidade de vida do adolescente, destacando a importância de enxergar o indivíduo como um todo. O trabalho não é o foco, mas sim o caminho para o crescimento pessoal, através da abordagem de vários aspectos das situações vivenciadas no cotidiano deste. Este Programa é desenvolvido com adolescentes entre 14 e 24 anos, e tem prioridade àqueles de famílias que estão em situação de vulnerabilidade social mais acentuada. Eles são contratados por empresas e organizações sociais, governo ou iniciativa

privada que estão alinhadas à Lei da Aprendizagem, proporcionando inclusão social e inserção destes no mercado de trabalho desde cedo. Além da idade, outro pré-requisito para fazer parte do Programa é estar devidamente matriculado em uma instituição de ensino e comprovar sua frequência periodicamente (RENAPSI, 2014).

Ribeiro (2004) aponta que a religião tem um importante papel na vida do adolescente, pois o auxilia a passar por fases que se apresentam complexas para ele, como a busca pela socialização, o distanciamento dos pais e a luta por aquilo que idealiza. Tal questão está em consonância com o que descrevem Baungart e Amatuzzi (2007), que apontam que quando a pessoa tem contato com uma religião, esta tende a socializar-se mais, participar de grupos, desenvolvendo seu crescimento pessoal e a sua capacidade de se colocar no lugar do outro. Paralelamente a este assunto, Henning e Moré (2009) expõem que a religião influencia um grupo de tal forma, que faz com que o mesmo tenha características próprias, e isso influencia diretamente seus comportamentos dentro e fora dele.

Tendo em vista que a adolescência é a fase do ciclo vital onde se define a identidade pessoal em meio a experiências de socialização em geral mais intensas do que na infância, o foco da pesquisa aqui retratada foi identificar justamente as influências da espiritualidade nos relacionamentos de jovens aprendizes. Tendo em vista tais apontamentos, o estudo da influência da espiritualidade na vida de adolescentes se faz presente, explicitando tal influência nos relacionamentos interpessoais de adolescentes que fazem parte do Programa Jovem Aprendiz.

1 MÉTODO

A pesquisa em questão é de natureza básica, pois gerou conhecimentos novos para a ciência, sem ser exigida fundamentalmente a prática posterior. A abordagem do problema foi qualitativa, ou seja, utilizou assuntos no cenário natural, procurando interpretá-los no significado abordado pelos sujeitos, defendendo a complexidade do comportamento do homem sem intenção de quantificar ou generalizar os dados obtidos (COZBY, 2003). Além disso, pode-se também considerá-la em seu processo como exploratório-descritiva, pois teve

como foco o desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, pois objetivou também a descrição de aspectos de uma parcela específica da população. Assim, iniciou-se a coleta de dados após a submissão de um projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Contestado – Câmpus Mafra, onde foi aprovada sob o parecer 693.123.

Desta forma, os sujeitos da pesquisa foram adolescentes que fazem parte do Programa Jovem Aprendiz de uma cidade do Planalto Norte Catarinense, onde o universo de estudo foi composto por 14 indivíduos com idade entre 15 e 19 anos, dentre os quais todos aceitaram participar. Quanto ao número de participantes, o mesmo foi definido por saturação teórica, haja vista que o tipo de pesquisa assumiu uma orientação qualitativa, onde a riqueza de informações se sobrepõe aos números (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Como critério de inclusão, os participantes deveriam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto de seus responsáveis (no caso de menores), fazer parte do Programa Jovem Aprendiz, ser adolescente com idade entre 15 e 19 anos e ter espiritualidade, ou seja, ter uma fé, fosse ela qual fosse, e frequentando ou não uma instituição religiosa.

Para a realização da coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada criada pelos pesquisadores, baseada e fundamentada teoricamente de forma que estivesse relacionada ao que estava sendo proposto na pesquisa, respondendo aos objetivos da mesma, além da utilização de um gravador para registrar com mais precisão os dados coletados nas entrevistas.

O procedimento para análise de dados foi realizado com base em Bardin (2011) que explana três etapas dentro dessa metodologia: a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise tratou da leitura flutuante das entrevistas transcritas, que foram submetidos a uma análise, onde foram formuladas as hipóteses e a elaboração de pontos que contribuíram para o processo de interpretação final analisando-os, conhecendo-os, aprofundando suas reflexões e orientações. A segunda etapa do trabalho foi a exploração do material que consistiu na junção dos resultados, enumerações e codificações. Por último, tratou-se da inferência e interpretação, onde os resultados brutos foram trabalhados de modo que se tornaram

significativos e válidos. Aqui foi utilizada uma tabela para inserção e organização dos dados. A partir dos dados obtidos e identificados, desenvolveu-se o trabalho.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar a discussão dos resultados cabe mencionar que a realização desta pesquisa visou abarcar a inter-relação existente entre Psicologia e Espiritualidade. Visto que são vários os fatores que convergem na compreensão deste contexto, é necessário entender a complexidade peculiar à experiência da fé (MASSINI; MAHFOUND, 1999).

Deste modo, a construção do conjunto de categorias emergidas da análise dos dados pretendeu tanto captar as singularidades dos entrevistados, quanto os aspectos em comum nos mesmos, tentando traduzir a complexidade do fenômeno em questão, e por isso devendo ser compreendidas uma em relação à outra. As categorias, além de explicitarem as compreensões dos jovens aprendizes sobre espiritualidade, permitiram caracterizar aspectos das mesmas que interferem nos processos de escolha de amizades, relacionamentos amorosos e profissões.

Assim, ao buscar caracterizar a influência da espiritualidade dos jovens aprendizes, houve a possibilidade de desvendar diferentes perspectivas sobre esta temática. Para que fosse possível conhecer tais perspectivas, e melhor compreender de que modo estes jovens a concebiam e experimentaram em suas vidas, buscou-se explicitar vivências e concepções aliadas às experiências de cada um. Deste modo, a fim de explanar adequadamente o tema em questão, foi escolhida para este artigo uma das categorias emergidas das respostas dos entrevistados, que explicita a influência da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais destes jovens, como se pode observar abaixo.

TABELA 1 - INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS DE ANÁLISE

1. Influência da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais	1.1 Influência da espiritualidade na vida	1.1.1 Segurança 1.1.2 Praticar 1.1.3 Reflexões 1.1.4 Abandonar o uso de drogas 1.1.5 Não influencia
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. Influência da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais	1.2 Nos relacionamentos amorosos	1.2.1 Proteção para a relação 1.2.2 Busca de alguém com fé 1.2.3 Ser respeitado na fé 1.2.4 Mudará de religião quando casar 1.2.5 Não influencia
	1.3 No relacionamento entre os amigos	1.3.1 Perdas de amigos que mudaram de crença 1.3.2 Afastamento de amigos porque mudou de crença 1.3.3 Discussão por divergência 1.3.4 Não conversa para evitar discussão
	1.4 Em novas relações	1.4.1 Novos amigos 1.4.2 Novos namoros 1.4.3 Nenhuma
	1.5 No relacionamento com a família	1.5.1 Maior respeito 1.5.2 Brigas por divergência de crenças 1.5.3 Fortalece a união familiar 1.5.4 Aumenta a proximidade 1.5.5 Mais paciência
	1.6 Vivências de preconceito relacionado à espiritualidade	1.6.1 Preconceitos com quem não aceita a crença do outro 1.6.2 Tem preconceito 1.6.3 Sofreu preconceito 1.6.4 Nunca houve

2.1. Influência da espiritualidade nos relacionamentos interpessoais

A categoria abordada neste estudo exprime um conjunto de elementos de análise ligados aos relacionamentos dos jovens aprendizes no que tange às amizades, namoros, família, novas relações e a vivência de preconceito sobre esta temática.

2.1.1 Influências da espiritualidade na vida

Como uma subcategoria, este item aborda as situações que influenciam a vida do jovem nas mais diversas situações do cotidiano. Quanto a isso, há o fato de algumas pessoas afirmarem serem estimuladas a praticar a bondade e a verdade ou o auxílio ao outro de forma geral: "Os assuntos abordados nas celebrações têm influência sim, como a bondade, a necessidade de ser verdadeiro e ajudar os outros. Eu me sinto seguro" (E7).

De acordo com Panzini e Bandeira (2007), um dos suportes e estratégias de enfrentamento que a espiritualidade traz no dia a dia é justamente o estímulo ao auxílio ao próximo, composta por diversas ações, como a prática da bondade e a verdade, ambos, temas trazidos nas entrevistas. Como a espiritualidade envolve uma expressão de emoção, o sucesso das relações dos adolescentes depende de como eles manejam seus comportamentos sociais, logo, a prática de atitudes de bondade pode facilitar esse processo (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Neste contexto, houve pessoas que afirmaram sofrer influência da espiritualidade nas próprias reflexões pessoais: "Quando o pastor prega algo ele faz a gente refletir sobre nossa vida" (E12).

Tais discursos vão ao encontro das ideias de Barros e Santos (1999) que dissertam que o comportamento reflexivo é um dos motivos e componentes pelo qual levam uma pessoa a ter uma crença. Para os autores, o comportamento reflexivo amplia a capacidade de pensamento do ser humano, auxiliando-o na tomada de decisões. Para Carter e McGoldrick (1995), a família precisa ser flexível quanto a esta questão, para facilitar o desenvolvimento do adolescente.

Além disso, destaca-se o fato de que a espiritualidade teve influência direta no abando do uso de drogas de um dos entrevistados: “A espiritualidade tem influência na minha vida pelo fato de eu largar as drogas. Aceitar Deus” (E11).

A espiritualidade tem influência direta no abandono ou diminuição no uso de substâncias químicas, por parte dos jovens, pois leva estes a compreender sob uma ótica reflexiva a dispensável utilização destes elementos (BORINI et al., 1994). Além disso, faz o jovem refletir acerca de sua responsabilidade por suas próprias decisões (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Houve apenas um caso em que se relatou que não há influência da espiritualidade na vida. E em relação a este contexto, Garcia e Marciel (2008) expõem que a espiritualidade não influencia a vida de todos os jovens, pois, para alguns, esta não é constante em sua vida e não tem relevância para seu cotidiano.

2.1.2 Influências da espiritualidade nos relacionamentos amorosos

A segunda subcategoria traz questões que emergiram do discurso dos entrevistados voltadas para os tópicos de influência da espiritualidade em temas relacionados a “*ficadas”*, namoros e casamento. Quanto a isso, apareceram jovens que sentiam proteção para seus relacionamentos por parte de uma divindade: “... meu namorado e eu acreditamos que se estamos juntos é por algum motivo e Deus está ao nosso lado para nos proteger de qualquer mal” (E2).

Em concordância com essas ideias a literatura aponta a espiritualidade incorporada ao crescimento individual do sujeito; tanto subjetivamente, em sua autopercepção, autoconhecimento e sentimento de bem-estar, quanto objetivamente, em condutas de empatia que aprimoram a qualidade dos relacionamentos interpessoais (CAMBUY, et al., 2006; BAUNGART; AMATUZZI, 2007).

Há destaque para um relato de alguém que busca alguma pessoa para namorar e que tenha fé, caso contrário, não entrará em um relacionamento, sendo esta, sua condição básica

para entrar em uma relação: “Uma vez fiquei com um rapaz, mas quando ele disse que não acreditava em Deus e me criticava por eu acreditar parei de ficar com ele” (E2).

Acerca de tais fatos, alguns entrevistados falam da importância e do desejo de serem respeitados em sua fé, conforme percebemos nos relatos a seguir: “... se futuramente eu namorar e casar, vou ficar atento se a crença for diferente, e se houver contrariedade eu não vou gostar” (E5).

Houve também quem disse que se for necessário, mudará de religião para casar com a pessoa que gosta ou pedirá para que a pessoa mude para a sua: “se casarmos, um vai ter que ir pra igreja do outro, não tem meio termo” (E12).

Sobre estes casos de mudança de religião ou a tendência do jovem a ficar ou namorar apenas quem tem a mesma espiritualidade pode ser explicada quando o adolescente busca sua identidade. Pelo mesmo ter uma tendência grupal, irá unir-se àqueles que têm um mesmo pensamento ou forma de agir (KNOBEL, 2008). Um dos desafios do jovem é justamente o saber pertencer e separar da família, pois esta dá o cunho da individualidade, no entanto, a experiência de busca de identidade está ligada ao que é vivenciado em outros âmbitos além do seio familiar (ROSSET, 2007).

Alguns entrevistados expuseram que a espiritualidade não tem influência nos relacionamentos amorosos, seja por não discutir isso com seu parceiro, ou por ter ficado ou namorado alguém que tenha outra crença: “Não influencia em nada, tanto que já fiquei com uma moça que era evangélica e não tive problema nenhum” (E6). “Não há diferença pra mim. Se há amor não há problema” (E9).

Isso pode ser explicado por Garcia e Maciel (2008) que elucidam que não é apenas o contexto religioso que influencia na escolha de alguém para se relacionar, pois vai muito além, envolvendo fatores sociais, como preferências similares, cultura, local de moradia, etc.

2.1.3 Influências da espiritualidade no relacionamento entre os amigos

Nesta subcategoria aborda-se a maneira como a espiritualidade influencia o relacionamento dos jovens aprendizes com seus amigos. Em relação a isso, abordou-se o

acontecimento da perda de um amigo que mudou de crença: “Tive um amigo do primário que se distanciou de mim depois que se tornou evangélico. Nossos assuntos já não eram mais os mesmos, ele ficou mais retraído, voltado para as atividades e pessoas da igreja” (E6).

Outro fato que acontece foi o caso de um jovem que se distanciou de amizades que o levavam para as drogas: “Tive amigos que usavam drogas e eu parei de andar com eles. A espiritualidade tem influência na minha vida pelo fato de eu largar as drogas. Aceitar Deus” (E11).

Estas atuações vão em direção à preposição de Gomes (2008) de que as crenças religiosas acabam por gerar diretrizes para a vida, pois há um conjunto relativamente estável de valores e comportamentos esperados e servem de referência para cada ação e tomada de decisão. Nesse contexto, cabe o que Knobel (2008) traz, quando se refere à tendência grupal do jovem, no que diz respeito à mesma forma de pensar e agir nos diferentes meios em que se encontra.

Em outros momentos, as divergências de opiniões sobre este assunto culminaram em discussões com amigos ou pessoas do convívio deste, gerando intolerâncias a respeito do exercício da espiritualidade: “Discuti com um amigo que disse que Deus não existe” (E11).

Há quem evita conversar a respeito justamente para evitar discussões: “... estes assuntos nós não aprofundamos, pois senão acabo discutindo com os amigos que têm outra religião ou espiritualidade” (E6).

E contrapondo, alguns entrevistados disseram que criticam ou já foram criticados em suas crenças: “... às vezes sou irônico em relação às crenças deles [amigos] para fazerem pensar a respeito do modo que creem nas coisas” (E8).

A intolerância religiosa, de acordo como Feldens (2008), não se limita apenas ao universo do radicalismo, mas está fortemente ligada às pessoas das mais variadas crenças. Diante da possibilidade de estar “errado” sobre sua concepção religiosa, o sujeito pode ficar desconfortável e a partir disso cometer algum ato de preconceito. Complementando o conteúdo acima citado, Carter e McGoldrick (1995) expõem que num esforço na exposição de seus pontos de vista, o adolescente pode recorrer a comportamentos de raiva e retraimento emocional.

Além disso, alguns jovens disseram que não existem influências da espiritualidade em relação às amizades e, além disso, há tolerância em relação a credos diferentes: "... há respeito quando se trata desse assunto" (E2).

Feldens (2008) refere que a tolerância religiosa necessita ser amplamente discutida, tanto por trazer um tema de tão complexa análise e também pelo fato de envolver boa parte da população.

2.1.4 Influências da espiritualidade em novas relações

Esta subcategoria trata da influência da espiritualidade na maneira em que proporcionou novas relações para o jovem, tanto em novas amizades, como em namoros. Sobre amizades, há uma influência considerável da espiritualidade para atrair novos amigos e em diferentes ambientes, conforme se nota nos relatos abaixo: "... participo de congressos brasileiros e a gente faz muitas amizades aí" (E12).

Acerca disso, Knobel (2008) explica que quando o adolescente busca sua identidade, o mesmo tem uma tendência grupal, ou seja, irá unir-se àqueles que têm um mesmo pensamento ou forma de agir. Aprofundando este tema para o contexto do relacionamento amoroso com outra pessoa, alguns jovens começaram a namorar pessoas que se conheceram no próprio lugar ou templo que frequentam. Rosset (2007) aponta que é importante para o jovem se aventurar mais fora de casa, isto o torna mais autoconfiante e independente, fortalecendo suas relações. Isto é observado pelo relato a seguir: "... minha namorada é da igreja. Ela já era da igreja e eu conheci ela lá" (E11).

Conforme apontam Garcia e Maciel (2008) muitos jovens que exercem sua espiritualidade, também procuram cônjuges que tenham a mesma crença, por isto facilitar o diálogo, convivência e troca de experiências.

2.1.5 Influências da espiritualidade no relacionamento com a família

Esta subcategoria versa sobre o contexto familiar, a espiritualidade e suas influências no cotidiano. Quanto a isso, aparece o tema do respeito em relação à família, nos seguintes comentários: "... se você não respeita seus pais estará desrespeitando sua religião" (E7). "A espiritualidade tem influência no meu relacionamento entre eu e minha família pelo respeito que tenho que ter com minha família" (E14).

Indo ao encontro destas ideias, Savio e Bruscagin (2008) afirmam que a religião é uma força que norteia os valores da família e da sociedade, ditando leis morais e regras de comportamento. É ela que direciona o homem na maioria de suas ações. Tal exposição vai ao encontro de Carter e McGoldrick (1995), que citam que além da educação, etnia e cultura, a religião está fortemente ligada ao desenvolvimento dos laços familiares.

Já em outras situações, surgem as brigas com familiares por justamente envolverem a divergência de crenças: "... minha mãe é bem religiosa e briga com meu pai, meu irmão e eu por não irmos à Igreja" (E5).

Tais colocações refletem acerca do que traz Knobel (2008) sobre a tendência do jovem de aos poucos discordar dos pais em alguns pontos e formular suas próprias opiniões, no que ele chamou de separação progressiva dos pais. Essa questão também tem relação com a busca de si mesmo e de identidade, além das próprias crises religiosas, citadas pelo mesmo autor acima citado. Tudo isso pode culminar com discussões e brigas que vemos no relato trazido. Nesse sentido, Carter e McGoldrick (1995) apontam que assim que o adolescente se abre para as relações, os pais vivem isso como uma espécie de perda.

Em contraponto ao que foi exposto acima, é possível perceber que a espiritualidade pode também fortalecer a união familiar de alguns jovens aprendizes: "... se eu não tivesse um pouco de Deus na minha vida a gente brigaria. Temos problemas mesmo acreditando em Deus, imagino que se não acreditássemos seria pior" (E4).

Para outros, a espiritualidade também aumenta a proximidade entre os membros da família, conforme se relata abaixo: "Ficamos reunidos na igreja e em casa. Mantemos a fé juntos" (E12).

O tema da paciência também surge quando se fala em família. "... tenho que dar uma chance para o meu irmão lavar a louça, mas não para brigar com ele se ele for mais lento. Tenho que ter paciência em tudo, principalmente em família" (E14).

Isso reflete o que Ribeiro (2004) disserta que é no âmbito familiar que o sujeito irá experimentar a energia que o liga às tradições espirituais e leva o mesmo a transmitir isso para as demais pessoas do seu círculo doméstico. Esse movimento se expande através de gerações, quando tais tradições ganham força através da prática. De acordo com Rosset (2007), a família é um espaço especial para as aprendizagens do adolescente.

2.1.6 Vivências de preconceito relacionado à espiritualidade

Esta subcategoria aborda assuntos ligados à experiência dos jovens aprendizes com o preconceito. Sendo assim, destaca-se o preconceito por não aceitar a crença alheia como um dos tópicos para esta discussão: "Eu já sou muito preconceituosa com crenças que não respeitam outras" (E3).

Alguns jovens aprendizes alegam terem preconceito também: "Tenho preconceito em relação às pessoas que acreditam em qualquer coisa que os outros falam, sem buscar se aprofundar sobre o assunto" (E8).

Já outro trouxe uma fala oposta, a de ter sofrido preconceito: "Uma vez um amigo me questionou do motivo de eu crer em Deus, mas como eu disse, não dou bola, apenas disse que acreditava e pronto" (E10).

De acordo com Feldens (2008) a intolerância religiosa não se limita apenas ao universo do radicalismo, mas está fortemente ligada às pessoas das mais variadas crenças. Diante da possibilidade de estar "errado" sobre sua concepção religiosa, o sujeito pode ficar desconfortável e a partir disso cometer algum ato de preconceito. Além destes, também alguns aprendizes disseram que nunca sofreram preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos é possível destacar que a espiritualidade exerce considerável influência nos relacionamentos interpessoais de jovens aprendizes pesquisados e está amplamente ligada ao cotidiano destes, impactando nos relacionamentos com a família, amigos, relações amorosas e a vida como um todo, com atenção inclusive para as vivências de preconceito.

Na família destaca-se desde a maior proximidade, respeito e o fortalecimento da união no núcleo familiar, sendo motivados e estimulados por preceitos de fé, até comportamentos de brigas por divergências em modos de viver e pensar sobre a fé. Já sobre amizades, têm-se como dados os novos amigos que são feitos, as conversas que são evitadas para não resultar em brigas e casos em que houve discussões, críticas, afastamentos e até mesmo a perda de amigos por conta da contrariedade neste contexto, mostrando a influência da espiritualidade na vida social dos jovens que fizeram parte da pesquisa.

Quando se fala em relações amorosas, percebeu-se que em alguns casos a espiritualidade aproximou os jovens a ponto de iniciarem um namoro, já em outros contextos a espiritualidade serviu como experiência de proteção. Além disso, alguns jovens relatavam inclusive buscar pessoas que têm a mesma fé para se relacionarem, ou ao menos alguém que respeite sua fé. Neste sentido, foi possível observar a relevância da aceitação da fé adotada neste âmbito de relacionamento.

Já o preconceito relacionado a esta questão ainda é uma constante. Os resultados apontaram que a intolerância religiosa se faz presente nestes relacionamentos, tanto de pessoas que sofreram ou cometeram tais atos, ressaltando o apelo intrínseco na busca do jovem pela aceitação da sua verdadeira fé.

Já na vida como um todo, a espiritualidade desponta como um artifício onde os adolescentes que participaram da pesquisa encontram desde segurança nas situações que vivenciam no mundo. Percebeu-se que os ensinamentos da fé os levam a valorizar a prática da verdade e da bondade, levando os mesmos a reflexões sobre a vida e o modo como a vivem e até mesmo mudando sua postura perante os fatos cotidianos. Sendo assim, percebe-se que a espiritualidade atinge tanto o campo físico do jovem, no que diz respeito à saúde e o tratamento do corpo, assim como o psíquico, que está relacionado às suas emoções e

pensamentos, bem como o relacional, que é a sua relação com as pessoas e o ambiente em que habita.

O presente estudo constatou a presença e influência da espiritualidade na vida e nos relacionamentos dos jovens aprendizes que foram sujeitos desta pesquisa, tanto como um guia de valores ou suporte nas dificuldades da vida, quanto como uma ferramenta de auxílio. Assim, percebeu-se que a espiritualidade dos mesmos alcança a socialização na escola, na família, no trabalho, com amigos e em relacionamentos amorosos. Tais constatações possibilitam ainda reflexões a respeito da influência da espiritualidade na identidade pessoal que está sendo firmada nesta fase da vida, o que pôde ser observado, embora não tenha sido este um objetivo inicial do estudo em questão.

Com isso, os dados da referida pesquisa remetem à importância deste âmbito da vida dos adolescentes e reforçam a consideração necessária no campo da Psicologia sobre a importância da espiritualidade como uma questão a ser melhor discutida e estudada. Assim, a presença desta temática na atuação profissional de Psicólogos com adolescentes em escolas, clínicas e em outros contextos permite afirmar que esta dimensão da existência humana não pode ser deixada de fora do olhar profissional.

THE INFLUENCE OF SPIRITUALITY IN INTERPERSONAL RELATIONSHIPS OF TEENAGERS WHO ARE ENGAGED IN THE YOUNG APPRENTICE PROGRAM

Abstract: Spirituality relates to faith itself, lived and experienced individually, regardless of a religion. Discussing the influence of spirituality in interpersonal relationships of young people is an exciting, innovative, and enriching subject. Therefore, this study aimed at verifying what influences spirituality in interpersonal relationships among young apprentices of a country town in Santa Catarina. Attended by 14 young people aged between 15 and 19, the data collection instrument used was a semi-structured interview, following a qualitative approach. The main results show that spirituality influences interpersonal relationships of young apprentices and it is linked to daily life, such as, family, friends, love relationships, prejudice experiences and life in general, reaching as the physical aspects as the psychic and relational ones.

Keywords: Psychology. Religion. Adolescence.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Mari Nilza Ferrari de; SANTOS, Romilda Aparecida Cordioli. A Busca de significados nos movimentos religiosos. **Revista de psicologia social e institucional** - Universidade Estadual de Londrina, 1, 1 1999. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/areas/subarea.php?cod=d15D>. Acesso em out. 2014.

BAUNGART, Thais de Assis Antunes; AMATUZZI, Mauro Martins. Experiência Religiosa e Crescimento Pessoal: Uma Compreensão Fenomenológica. **Revista de Estudos da Religião,** São Paulo, p.95-111, dez. 2007.

BORINI, Paulo; OLIVEIRA, Cecília Maria de; MARTINS, Marcelo Giovanini; GUIMARÃES, Romeu Cardoso. Padrão de uso de bebidas alcoólicas de estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 43, p. 93-103, fev. 1994.

CAMBUY, Karine; AMATUZZI, Mauro Martins; ANTUNES, Thais de Assis. Psicologia clínica e Experiência Religiosa. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, p. 77-93. 2006.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar:** Uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

COZBY, Paul C.. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento.** São Paulo: Atlas, 2003.

DALGALARRONDO, Paulo. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. **Revista Brasileira de Psiquiatria,** São Paulo, v. 28, n. 3, p.177-178, set. 2006.

FELDENS, Priscila Formigheri. **Preconceito Religioso:** um desafio à liberdade religiosa, inclusive inexpressiva. 2008. 17 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, PUC - RS, Porto Alegre, 2008.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.17-27, jan. 2008.

GARCIA, Agnaldo; MACIEL, Mariana Grassi. A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. **Psicologia: Teoria e Prática,** Vitória, v. 1, n. 10, p.9 5-112. 2008.

GOMES, Denise Mendes. Religiosidade como fonte de resiliência em psicoterapia. In: Bruscagin, C; Savio, A; Fontes, F.; Gomes, D.M. **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008.

HENNING, Martha Caroline; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião,** São Paulo, p.84-114, dez. 2009.

KNOBEL, Mauricio. "A síndrome da adolescência normal". In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal:** Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel (Org.). **Diante do Mistério:** Psicologia e Senso Religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold G.. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria,** São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, ago. 2006.

PAIVA, Gerlado José de (Org.**). Entre Necessidade e Desejo:** Diálogos da Psicologia com a Religião. São Paulo: Loyola, 2001.

PANZINI, G.R.; BANDEIRA, D.R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, p. 126-135. 2007.

RENAPSI. **Rede Nacional de Aprendizagem, Promoção Social e Integração.** 2014. Disponível em: <http://www.renapsi.org.br/#>. Acesso em: 13 mar. 2014.

ROSSET, Solange Maria. **Pais e Filhos:** Uma Relação Delicada. 3. ed. Curitiba: Sol, 2007.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Os Universitários e a Transcendência: Visão geral, visão local. **Revista de Estudos da Religião,** São Paulo, v. 2, n. 0, p.79-119. 2004.

SAVIO, Adriana; BRUSCAGIN, Cláudia. A religiosidade na prática clínica: construindo diálogos com o cliente religioso. In: Bruscagin, C; Savio, A; Fontes, F. & Gomes, D.M. **Religiosidade e Psicoterapia**. São Paulo: Roca, 2008.

WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Envelhecimento:** Referenciais Teóricos e Pesquisas. Campinas: Alínea, 2011.